INTRODUÇÃO

Sempre acreditei que jamais escreveria este livro. No entanto, os incitamentos foram constantes, os amigos achavam que eu tinha matéria para descrever com minúcia o que representava uma estadia de quarenta anos no Palácio de Belém, privando de perto com a nata dos nossos políticos. E, em boa verdade, não estavam errados: havia matéria para dar à estampa um sem-número de episódios a que pude assistir ao longo de todos estes anos. Um escolho, um enorme escolho, esteve sempre presente: o sigilo profissional. A verdade é que tudo aquilo que fui testemunhando ao longo dos anos decorria da circunstância de eu ser médico e, no entendimento que tenho do sigilo profissional, devo manter sábia reserva sobre boa parte dessas vivências. Foi difícil encontrar uma bissectriz, mas acredito que o que irão ler constitui uma descrição judiciosa sobre o que pode e o que não pode ser dito. As poucas referências que faço a episódios de saúde dos Presidentes dizem respeito a situações que foram públicas ou cuja divulgação foi por eles autorizada.

Esteve sempre presente no meu espírito o livro que Lorde Moran, médico de Churchill, escreveu e que levantou uma enorme celeuma, justamente por se considerar que havia ali matéria grave de violação do sigilo profissional; pior ainda, o livro do Dr. Gübler, médico do Presidente Mitterrand, que é uma devassa inaceitável do exercício da profissão médica, ainda por cima escrito por alguém que ocultou e mentiu anos a fio sobre o estado de saúde de Mitterrand e, afastado no período final da vida do Presidente que optou por soluções «alternativas», deu largas ao seu despeito divulgando o que não era legítimo divulgar.

Não esperem os leitores que eu entre por esse caminho. Dar-vos-ei conta de alguns episódios: uns testemunhados por muita gente, outros divulgados pela comunicação social e alguns que relatarei com a autorização dos próprios interessados. Nem de outra forma poderia ser: cinquenta e três anos de exercício da medicina terão sido suficientes para que todos aqueles que comigo partilharam as suas maleitas soubessem que tudo o que fosse dito ficaria entre nós. Sem este perfil, não acredito que fosse possível ser, em simultâneo, médico de Soares e de Cavaco Silva.

Outra possível decepção terá que ver com a circunstância de eu não ter sido um «médico palaciano», ou seja, pouco ou nada sei sobre as tricas do quotidiano do Palácio. Cauteloso, porque cedo percebi que a proximidade do poder transformava as pessoas, como se de uma doença infecto-contagiosa se tratasse, tornando-as

insuportavelmente importantes, procurei não me transformar num cortesão. A essência da minha profissão exigia total independência técnica e política, pelo que também me abstive de dar qualquer opinião sobre temas políticos, incluindo os relacionados com saúde. Eu estava ali para cuidar da saúde do Presidente e de quem mais me procurasse. Nada mais.

Dito isto, procurarei dar-vos uma ideia geral do que foi a minha vivência como médico, dos caminhos que trilhei e, em particular, da experiência de quarenta anos ao serviço da Presidência da República. A minha convivência com os quatro Presidentes, alguns episódios das viagens e a abordagem de temas que merecem alguma reflexão constituem o esqueleto deste livro.

O meu percurso é sobretudo original. Aconteceu; foi-se construindo de braço dado com o inesperado e o improvável. Mas proporcionou-me uma experiência riquíssima de conhecimento das pessoas, das culturas, do mundo. Com a particularidade de a minha condição de médico se ter prolongado por mais de cinco décadas, período em que a ciência, a sociedade e, em geral, o mundo sofreram evoluções notáveis. Tive a felicidade de acompanhar este percurso de uma posição privilegiada e de cumprir, creio, com dignidade a missão que me foi confiada. Não poderia ambicionar mais!

Ter estado no Reichstag (Parlamento da Alemanha) em Abril de 1988, contemplando o Muro de Berlim e vendo os soldados da República Democrática da Alemanha (RDA), do outro lado, tirando-me, ou fingindo tirar, inúmeras

fotografias, tendo o prazer de ver o malfadado muro tombar ano e meio depois; ter estado na Hungria entre 27 de Setembro e 2 de Outubro de 1989, podendo assistir ao entusiasmo daquele povo que, três semanas depois, a 23 de Outubro, veria o regime ser formalmente extinto, são momentos que jamais esquecerei. A história vivia-se a cada momento, as transformações da sociedade estavam a desenrolar-se à minha frente. Foi um enorme privilégio!

Se é verdade que eu já acompanhava Mário Soares do ponto de vista médico antes de ele ser Presidente, se é também certo que Jorge Sampaio frequentava o meu consultório antes de ter assumido o mesmo cargo, a verdade é que eu não conhecia o Prof. Cavaco Silva. Apenas o tinha visto ao longe, numa cimeira ibero-americana. Não me passava pela cabeça que ele me convidasse para me manter nas mesmas funções que tinha desempenhado com os Presidentes anteriores. Fui uma escolha pessoal dele e da sua mulher. E quanto a Marcelo, embora sejamos amigos desde os dez anos de idade, eu não era seu médico. Telefonava-me de quando em vez para eu desempatar alguma divergência entre ele e o seu médico e eu decidia invariavelmente a favor do médico, com alguma desilusão de Marcelo. Mas, uma vez eleito, fez questão que eu ficasse. Assegurei-me de que ele tinha esclarecido a questão com o meu colega que o tinha acompanhado até então e fui, portanto, também uma escolha pessoal do Presidente eleito.

É bom que se esclareça este ponto: eu não sou, nem nunca fui, «médico da Presidência»! Fui uma escolha

pessoal dos quatro Presidentes, o que muito me honra e constitui, tanto quanto sei, um caso único a nível mundial. Da investigação que fiz, apenas encontrei um médico que se aproximou: Lawrence C. Mohr foi médico de Ronald Reagan, George Bush e, durante cerca de seis meses, de Bill Clinton, chegando assim a cuidar de três Presidentes na Casa Branca, também com a minha especialidade, Medicina Interna. Só a minha Ordem dos Médicos não se apercebeu disso: perdeu a oportunidade de chamar a atenção para o que esta situação representava em termos de confiança no médico, de segurança na preservação do sigilo profissional, da afirmação da independência do médico e, em suma, de todos os valores que são caros à profissão e, por consequência, também à Ordem.

Foram quarenta anos a «ver o mundo de cima», como costumo dizer. A ter acesso a locais onde jamais chegaria como vulgar cidadão. A estar presente em países onde se estavam a passar momentos importantíssimos, onde a História se escrevia diariamente. A poder testemunhar a emoção e a esperança do povo em alturas de transformações que iriam ter muita importância no seu quotidiano. Não esquecerei nunca a grandeza das situações e o entusiasmo das pessoas a acreditarem num futuro melhor.

Mas também a aniquilar uma prometedora carreira médica hospitalar e, sobretudo, a sobrecarregar a minha extraordinária mulher que silenciosa e eficientemente cuidou de tudo: da escolha das roupas, da mala e, sobretudo, educando os filhos, estando tantas vezes sozinha a enfrentar os problemas do quotidiano familiar sem ter

com quem os partilhar. Não poderia ter tido esta vida sem o apoio dela e sem a qualidade humana dos meus filhos.

Terá sido uma boa escolha abraçar este percurso que, na verdade, não escolhi conscientemente, apenas aconteceu? Dever-me-ia ter apeado algures neste caminho e ter prosseguido a minha carreira hospitalar? Não é uma questão para mim. Não me queixo, tive esta vida profissional, poderia ter sido diferente, mas fui muito feliz no caminho que percorri.

Nunca deixei de considerar que esta função em que me vi envolvido era uma mera circunstância. Ser-se médico do Presidente da República é isso mesmo: hoje é-se, amanhã deixa-se de ser. O meu percurso foi muito para além das expectativas iniciais, e a circunstância, pela sua duração, acabou por se institucionalizar. Tal não me impediu de fazer a minha carreira médica hospitalar e os respectivos concursos, até alcançar o grau de chefe de serviço; de dar o meu melhor aos Serviços Sociais da CGD, onde fui médico-chefe do Centro Clínico de Lisboa durante vinte e cinco anos e membro da Direcção Clínica; nem de manter o meu consultório durante mais de quarenta anos com o maior prazer.

Tive o enorme privilégio de poder exercer Medicina como eu sempre a imaginei, e com grande felicidade. Sem constrangimentos de tempo para ver as pessoas ou quaisquer outras limitações. Tenho plena consciência de que não será fácil os jovens médicos terem oportunidade, hoje, de fazerem este percurso. Os tempos mudaram,

a produtividade também se mede pelo número de doentes que se vê por hora, há menos espaço para ouvir as pessoas, menos tempo para as observar, mais exames, tantas vezes inúteis e de custo elevadíssimo para pedir. Tudo numa época em que a solidão, cujo peso muitos ignoram, tem de encontrar aconchego e abrigo algures. O médico, na minha opinião, tem de ser um desses portos de abrigo. Para isso, tem de ter boas condições para trabalhar. À luz das métricas actuais, eu seria um médico pouco rentável e ninguém me quereria contratar.

Por alguma razão, a Medicina Interna era a especialidade que, quando me formei, atraia muitos dos melhores alunos. A nossa perspectiva era encontrarmos uma especialidade que olhasse para o doente como um todo e compreendesse a pessoa, não uma especialidade que tratasse de partes de cada um e apenas entendesse o fenómeno, independentemente de quem era a pessoa que ali estava. Hoje, a Medicina Interna é a especialidade onde mais vagas ficam por preencher nos concursos e, no entanto, os hospitais «vivem» da Medicina Interna. Muito trabalhosa, pouco lucrativa, os jovens hoje procuram especialidades menos complexas. Não é um bom caminho, e algo terá de ser feito para que esta trajectória seja corrigida. Os hospitais precisam da Medicina Interna como pão para a boca, ela é o cimento interdisciplinar e, além do mais, poupa dinheiro ao hospital e ao Estado. Em termos práticos, e para que se perceba melhor o que pretendo dizer, os médicos, quando estão doentes, procuram um especialista de Medicina Interna…